

Um olhar sobre o olhar: nótulas sobre Literatura e Ciências

Diego Machado Ozelame*
Josiele Kaminski Corso-Ozelame**
João Bernardes da Rocha Filho***

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo trazer a prática interdisciplinar ao estabelecer um diálogo entre Literatura e Ciência, partindo de duas histórias publicadas no ano de 1995, “Ver e não ver”, do livro *Um antropólogo em Marte*, e *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago. Para fins de análise, as narrativas foram tratadas começando de uma perspectiva teórica reflexiva com autores das áreas da neurociência e da neuropsicologia (MATURANA, CAPRA, BERGSON). A partir dessa análise, foi possível observar que ambas as histórias, a verídica e a ficcional, trazem a visão como autônoma da percepção ocular, mas dependentes de um mundo de interpretações e relações que desenvolvemos como consequência de nossas experiências e vivências.

Palavras-chave: Literatura; Ciências; Interdisciplinaridade.

A Look at the look: notes on Literature and Science

Abstract

The present work aims to bring interdisciplinary practice to establish a dialogue between Literature and Science, from two

* Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Mestrando do PPG de Educação em Ciências e Matemática da PUCRS. Porto Alegre-RS

** UNIOESTE. Profa. Doutora em Literatura, pesquisadora do PPG em Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus Foz do Iguaçu-PR

*** Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Prof. Doutor, pesquisador do PPG de Educação em Ciências e Matemática da PUCRS. Porto Alegre-RS

stories published in 1995, “See and not see,” the book *An Anthropologist on Mars*, and *Blindness* of José Saramago. For purposes of analysis, the narratives were treated starting from a theoretical perspective with reflective authors from the fields of neuroscience and neuropsychology (MATURANA, CAPRA, BERGSON). From this analysis, it was observed that both stories, the true and fictional, bring the vision of the eye perception as autonomous, but dependent on a world of interpretations and relationships that develop as a result of our experiences and life.

Keywords: Literature; Science; Interdisciplinary.

Una mirada en la mirada: nótulas sobre Literatura y Ciencia

Resumen

El presente trabajo pretende acercar la práctica interdisciplinaria para establecer un diálogo entre la literatura y la ciencia, a partir de dos cuentos publicados en 1995, “Ver y no ver”, el libro *Un antropólogo en Marte*, y *Ensayo sobre la cegueira*, de José Saramago. Para fines de análisis, las narrativas fueron tratadas a partir de una perspectiva teórica con autores reflectantes de los campos de la neurociencia y la neuropsicología (MATURANA, CAPRA, BERGSON). De este análisis se observó que ambas historias, la verdad y de ficción, traen la visión de la percepción del ojo como autónomo, pero dependiente de un mundo de interpretaciones y relaciones que se desarrollan como resultado de nuestras experiencias y la vida.

Palabras clave: Literatura; Ciencia; Interdisciplinario.

Introdução

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: me ajuda a olhar.

O Livro dos Abraços, Eduardo Galeano

O olhar é um aprendizado. Buscando interpretar um mundo de relações a partir da complexidade, possuidora de um cérebro maleável e sutil a adaptações, a criança, já no nascimento, é apresentada a um universo desconhecido repleto de aprendizado constante, elaborando interpretações a partir das relações que desenvolve. Assim criamos nosso mundo, com as nossas experiências e vivências.

“Nenhuma exclamação, Estou vendo! escapou dos lábios de Virgil. Parecia estar fitando o vazio, desorientado, sem foco (...)” (SACKS, 1995, p. 128). Assim, Oliver Sacks relata o caso verídico de um homem de 50 anos de idade que recupera a visão após uma cirurgia. Virgil nasceu em uma pequena fazenda do Kentucky, nos Estados Unidos. Desde a infância sua mãe relata evidências de uma visão fraca, quando esbarrava em coisas, parecendo não vê-las. Aos 3 anos de idade, foi acometido por uma enfermidade tripla, resultando um diagnóstico grave, ficou praticamente cego, entrando em estado de coma por duas semanas. Ao recobrar os sentidos, sua mãe relata que ele se mostrava uma pessoa diferente da criança ativa e impetuosa, apresentando um quadro apático e passivo diante da vida. Sua visão se recuperou de forma gradativa, porém, suas retinas ficaram comprometidas. Aos 6 anos de idade, começou a desenvolver cataratas nos olhos, o que não demorou muito para levar à perda da visão. Neste mesmo ano, foi mandado a uma escola para portadores de necessidades especiais, onde aprendeu o braille e se capacitou no deslocamento de bengala. Desde então, Virgil levava uma vida acomodada diante de uma impressionante passividade. Mudou-se de sua cidade natal para Oklahoma, local em que trabalhava como massagista e terapeuta em uma associação.

Sua rotina é descrita por Sacks:

Era apaixonado por esportes, em especial beisebol, e adorava ouvir jogos no rádio. Tinha um conhecimento enciclopédico sobre jogos, jogadores, resultados e números do beisebol. Em mais de uma ocasião, teve namoradas e atravessou a cidade de ônibus para encontrá-las, mantinha uma ligação estreita com a família, e em particular com a mãe – recebia regularmente cestos de comida

da fazenda e mandava cestos de roupa suja para lavar. A vida era limitada, mas estável à sua maneira (SACKS, 1995, p. 127).

Na descrição citada, emergem evidências de que a “vida limitada” de Virgil não parece um fator de sua realidade, mas de quem percebe a realidade com o auxílio da visão. De acordo com Maturana (1995), não podemos distinguir ilusão de percepção. Para o neurobiólogo chileno, não existe uma realidade, mas diversas realidades, porém igualmente reais. Assim, quando discordamos ou não aceitamos uma realidade, é que o domínio das realidades entre duas pessoas diferem, entretanto ambas são legítimas. Isso demonstra, nesse caso, que existem duas visões distintas da mesma realidade. Assim, podemos dizer que o processo de criação da realidade independe da normatização estabelecida por um grupo de pessoas que *olham* o mundo a partir de seus olhos.

Amy era professora de natação na mesma associação de Virgil, conheceram-se no ano de 1968, namoraram por um período, reencontrando-se em 1991, quando noivam e decidem se casar. Ela, portadora de diabetes, fazia visitas frequentes ao oftalmologista. Ao relatar sobre a patologia e diagnóstico de seu noivo, o médico desconfiou dos resultados, pois a descrição dos sintomas não entrava em acordo com a característica da doença, principalmente, a respeito do diagnóstico de retinite pigmentosa, patologia que degenera de maneira severa a retina ótica. O médico aconselhou Amy a levar seu noivo ao consultório para realizar alguns exames.

Virgil aceitou realizar novos exames, os resultados se mostraram dúbios no que concerne à retinite pigmentosa, tendo em vista que ele podia ver luzes e sombras de objetos que passassem próximos aos seus olhos, sendo evidente que não tinha a destruição total da retina. O médico sugeriu que realizasse uma cirurgia simples de remoção das cataratas, o que poderia fazê-lo voltar a enxergar. “Amy e Virgil iam se casar em breve, não seria fantástico se ele pudesse ver” (SACKS, 1995, p. 123). Virgil concordou em realizar a cirurgia e os procedimentos ocorreram dentro do previsto, recuperando a fisiologia do seu globo ocular.

De acordo com o dicionário Aurélio *on-line* de Língua Portuguesa, a expressão Ver traz o significado de perceber pela vista, enxergar, avistar. Fica evidente no conto de Sacks (1995) que as pessoas acreditavam que Virgil pudesse ter uma vida igual à vida de quem sempre enxergou. Contudo, não foi levado em consideração que, para ver, não é necessário apenas a estrutura ocular, mas sim uma rede de relações.

Suponhamos que uma pessoa que nasceu cega volte a enxergar aos 20 anos de idade, sabendo distinguir a diferença de uma bola e de um quadrado, baseada em suas percepções de tato, será que ela teria a capacidade agora de apontar apenas pela visão qual é a bola e qual é o quadrado?

Questões relacionadas às percepções fazem parte de amplos debates realizados por teóricos do pensamento científico, social e filosófico. Descobertas mais recentes sobre neurociência, física e a organização dos sistemas vivos trazem novas e desafiadoras questões sobre a realidade na qual vivemos.

De acordo com Capra, “as percepções são interrompidas pelo reconhecimento” (2006, p. 14). O físico austríaco afirma que quando estamos querendo perceber algo que está à nossa frente, o processo é bloqueado por um enquadramento de informações já armazenadas em nossa estrutura mental. Diante desse processo, nossa neutralidade de percepção deixa de existir e acabamos considerando apenas o que já foi filtrado pela nossa capacidade de relação. Nesse sentido, diz que caso algo não se encaixe no processo de julgamento, consideramos a percepção como estranha, sem significado, fora da realidade. Exemplo disso aparece no caso de Virgil, após tirar o curativo de seu olho e ver pela primeira vez: “havia luz, movimento e cor, tudo misturado, sem sentido, um borrão” (SACKS, 1995, p. 128).

Bergson observa que os sentidos precisam de educação para que ocorra a harmonização dos dados que foram rompidos em determinado momento da vida e se encontram descontínuos, distanciando a totalidade do objeto material. Para que o reconhecimento da matéria (imagem/objeto) ocorra, faz-se necessário o uso de todas as “qualidades sensíveis” (BERGSON, 1999, p. 50), para que se possa relacionar e estabelecer laços

perdidos no inconsciente. Para ele, a percepção se faz com o uso recorrente à memória, não sendo relativo nem subjetivo o reconhecimento da matéria.

Sacks apresenta no seu relato concordância neste sentido

O mundo não nos é dado: construímos nosso mundo através de experiência, classificação, memória e reconhecimento incessantes. Mas quando Virgil abriu os olhos, depois de ter sido cego por 45 anos – tendo um pouco mais que a experiência visual de uma criança de colo, há muito esquecida, não havia memórias visuais em que apoiar a percepção; não havia mundo algum de experiência e sentido esperando-o. Ele viu, mas o que viu não tinha qualquer coerência, sua retina e nervo óptico estavam ativos, transmitindo impulsos, mas seu cérebro não conseguia lhes dar sentido; estava, como dizem os neurologistas, agnóstico (SACKS, 1995, p. 129).

O fato de voltar a ver em uma sociedade na qual a maioria das pessoas enxerga, parece algo benéfico, pois a cultura se processa na competência de convenções criadas pelo grupo social. A percepção visual é uma maneira de aquisição dessas informações, contudo, só é válida para um espaço que compartilha dos mesmos significados. Podemos exemplificar utilizando a partir da cor verde de uma sinaleira de trânsito, o simples fato informativo da cor não significa nada se não estiver dentro de uma rede de relação cultural que define essa cor como um sinal de aviso para que os carros possam prosseguir em uma avenida. Para pessoas que não fazem parte dessa rede cultural, e por que não dizer visual, a luz verde em um objeto nas avenidas não faz o menor sentido. Seria simples o ato de abrir os olhos e ver, maravilhar-se com o mundo de cores e formas? Seriam possíveis os milagres exibidos em alguns programas de televisão em que o cadeirante levanta-se da cadeira de rodas e volta a andar com maestria ou um surdo que ouve e compreende a mensagem?

De acordo com essa reflexão, podemos nos questionar se voltar a enxergar para o massagista tinha o mesmo significado benéfico que todos acreditavam. Partindo do relato de Sacks, notamos diversos momentos em que Virgil manifestava pouco

interesse em adquirir a visão, satisfeito com a sua situação: “demonstrou uma impressionante passividade ao longo tempo que passou na escola (...)” (SACKS, 1995, p. 126); “(...) parecia tirar um verdadeiro prazer e orgulho de seu trabalho (...) tinha um emprego fixo e uma identidade, era auto-suficiente, tinha amigos, lia jornais e livros (...)” (SACKS, 1995, p. 127); “Virgil parecia aceitar esse fato com serenidade. Mas Amy discordava” (SACKS, 1995, p. 128).

Do fato de Amy discordar, podemos levantar a questão: Para um indivíduo que foi praticamente cego durante grande parte de sua vida, voltar a enxergar não seria a mesma condição que uma pessoa que sempre enxergou perder a visão? Respondendo a esta pergunta baseada no relato de Sacks, notamos que o problema da cegueira e o desejo da cura, no caso de Virgil, não parecem dele, mas dos outros.

Dando prosseguimento a esse contexto, entramos em questões contrárias à retomada da visão, quando, no ano de 1995, José Saramago, escritor português, publica *Ensaio sobre a cegueira*, romance alegórico que, por meio da metáfora do ofuscamento visual, retrata momentos de absurdo e de dificuldades ocasionadas por uma inesperada cegueira branca que acomete uma população. Repentinamente, as pessoas deixam de ver e a epidemia se espalha rapidamente pelo lugar. Sendo contagiosa a cegueira branca, o governo isola os cegos em um manicômio desativado sem as mínimas condições de sobrevivência, obrigando-os a (*sobre)viver* sem o sentido da visão.

Da mesma forma surpreendente que Sacks nos apresenta um cego retomar a visão após 45 anos sem tê-la, Saramago propõe a perda repentina deste sentido em toda uma população. A cegueira branca atinge a (quase) todos, exceto a mulher do médico, que por razões não explícitas na narrativa, não fica cega.

A história tem início quando, repentinamente, um homem no trânsito deixa de enxergar o semáforo, ficando perdido no tempo e no espaço. Da mesma forma que Virgil ao retomar a visão sente-se angustiado, a cegueira de Saramago consome o primeiro cego em aflição. Enquanto no conto de Sacks os olhos do personagem ressuscitam, retomam suas funções, nesta trama

os olhos, ao deixarem de enxergar, tornam-se mortos, conforme descreve Saramago:

Ninguém o diria. Apreciados como neste momento é possível, apenas de relance, os olhos do homem parecem sãos, a íris apresenta-se nítida, luminosa, a esclerótica branca, compacta como porcelana. As pálpebras arregaladas, a pele crispada da cara, as sobrancelhas de repente revoltas, tudo isso, qualquer o podia verificar, é que se *decompôs em angústia*. Num movimento rápido, o que estava à vista desapareceu atrás dos punhos fechados do homem, como se ele ainda quisesse reter no interior do cérebro a última imagem recolhida, uma luz vermelha, redonda, num semáforo. Estou cego, estou cego, repetia com desespero enquanto o ajudavam a sair do carro, e as lágrimas, rompendo, tornaram mais brilhantes os olhos que ele dizia *estarem mortos* (SARAMAGO, 1995, p. 12, grifos do autor).

Para senso de localização, o primeiro cego, ao ser conduzido à sua casa, utiliza a audição para saber se a escada estaria iluminada. Desprovido de ver, seus olhos agora passam a ser seus ouvidos, que o guiam e dão segurança na subida da escada:

Por experiência, o cego sabia que a escada só estaria iluminada enquanto se ouvisse o mecanismo do contador automático, por isso ia premindo o disparador de cada vez que se fazia silêncio. A luz, esta luz, para ele, tornara-se em ruído (SARAMAGO, 1995, p. 20).

Sobre a percepção das coisas, é Bergson quem observa que a memória tem um papel fundamental, antes mesmo da visão e do tato. A permanência/existência das imagens na memória se faz útil, uma vez que se reinventa a cada situação necessária. Essas imagens complementam as experiências do cotidiano. Segundo ele:

É incontestável que o fundo de intuição real, e por assim dizer instantâneo, sobre o qual se desenvolve nossa percepção do mundo exterior é pouca coisa em comparação com tudo o que nossa memória nela acrescenta. Justamente porque a lembrança

de intuições anteriores análogas é mais útil que a própria intuição, estando ligada em nossa memória a toda série dos acontecimentos subsequentes e podendo por isso esclarecer melhor nossa decisão, ela desloca a intuição real, cujo papel então não é mais (...) que o de chamar a lembrança, dar-lhe um corpo, torná-la ativa e consequentemente atual (BERGSON, 1999, p. 69).

Nesse contexto, para o teórico, perceber não é mais que lembrar, uma vez que nossa percepção é carregada de imagens que guardamos e rememoramos do mundo material que conhecemos, que é constituído de objetos, também chamados de imagens.

O mais curioso nessa história de Saramago é que os olhos dos cegos não apresentavam qualquer anomalia, estavam em perfeito estado, o que intrigava ainda mais os afetados e estudiosos da área. Frente a uma epidemia que só cresce, o governo decide colocar os cegos em quarentena, e o local escolhido é um hospício abandonado. Ironicamente, os quarenta dias tornam-se incontáveis, e eles acabam esquecidos, pois os sujeitos que ainda não estavam cegos haveriam de ficar.

Levando em conta o que foi observado no texto de Sacks, em que Virgil, mesmo tendo recuperado a visão, para ver precisa tocar, os cegos, para fazerem o reconhecimento do local onde foram colocados, são guiados pelo tato, pelo toque: “Avançavam muito devagar, como se não fiassem de quem os guiava, com a própria mão livre iam tateando o ar, procurando à passagem o apoio de algo sólido, uma parede, a ombreira de uma porta” (SARAMAGO, 1995, p. 56). Acerca das considerações, Bergson argumenta que:

Tudo o que minha *visão constata* no espaço, meu *tato o verifica*. Dir-se-á que os objetos se constituem precisamente pela cooperação da visão e do tato, e que a concordância dos dois sentidos na percepção se explica pelo fato de que o objeto percebido é sua obra comum (BERGSON, 1999, p. 65, grifos do autor).

Diante do tema em apreço, também percebemos o contrário, quando a mulher do médico, única a não ficar cega, é

obrigada a fazer sexo oral em troca de comida. Como seus olhos viam perfeitamente, era como se quando os fechasse, deixaria de ver e saber do horror que estava presenciando: “Não o posso matar agora, pensou. Avançou a cabeça, abriu a boca, fechou-a, *fechou os olhos para não ver*, começou a chupar” (SARAMAGO, 1995, p. 77, grifos do autor).

Jacques Aumont (1993), teórico de cinema e professor universitário, menciona que os olhos são os instrumentos da visão, porém não são os mais complexos. Segundo seus estudos acerca da imagem, a visão resulta de três processos operacionais, que são ópticos, químicos e nervosos. Todo o processo de percepção visual chega até nós por meio da luz que adentra nossos olhos, entretanto, o que nos é dado é modificado por fatores psicológicos.

Dado o exposto, Virgil ao ver um Emu no zoológico, não se basta da imagem recebida pelos olhos e enviada ao cérebro: “Ele quis tocá-lo, apalpá-lo inteiro. Se o fizesse, pensou, *o veria melhor*. Mas tocar, infelizmente, não era permitido (SACKS, 1995, p. 145, grifos do autor). No caso de Virgil, tocar era *enxergar* dentro da sua realidade, contudo, após a cirurgia, este fato estava proibido de acontecer. Sendo assim, podemos dizer que a maneira de perceber o mundo difere entre os sujeitos, de acordo com a situação. Como exemplo, segue a passagem do texto de Saramago:

Não a veriam, mas *o cheiro* do que comera, O chouriço, que estúpida fui, seria como um rastro vivo. Cerrou os dentes, apertou com toda a força as asas do saco, tenho de correr, disse (SARAMAGO, 1995, p. 224, grifos do autor).

Amount assinala que a atenção visual, embora de definição imprecisa, exerce fator importante na percepção das imagens, fazendo-se necessário para compreender esse mecanismo, a distinção entre a atenção central da periférica. A primeira detecta objetos e fundos que a atenção se fixa, sobretudo, em um desses aspectos; a periférica, muito mais vaga, centra-se nos novos fenômenos da periferia do campo que se olha. Mas esses dois

segmentos convergem para o “campo visual útil” (AMOUNT, 1993, p. 59), que focaliza determinado ponto de fixação, registrando a informação. Essa forma de distinção e percepção não se faz presente nas formas de ver de Virgil, que não tem a capacidade de distinguir, como percebemos no trecho a seguir:

Eventualmente, tinha visto pássaros; eles *o faziam pular*, às vezes, se chegavam muito perto. (É claro que não vinham tão perto, Amy explicou. Virgil simplesmente não tinha o menor senso de distância) (SACKS, 1995, 133, grifos do autor).

Acerca da percepção do espaço, Aumont (1993), informa que o olho, o sistema visual, não possui um mecanismo especializado de percepção de distâncias, o que desemboca numa percepção de espaço não centrada no visual. Segundo ele, a noção de espaço está ligada ao deslocamento corporal: “O conceito de espaço é, pois tanto de origem tátil e cinésica quanto visual” (AMOUNT, 1993, p. 37).

Conforme narra Saramago, na possibilidade de ainda refletirmos sobre o espaço nessa trama, quando os cegos são libertos do manicômio, livres daquele recinto, não sabem para onde ir. Ficam parados no meio da rua, assustados, porque existe uma grande diferença entre aquele viver enclausurado “e aventurar-se, sem mão de guia nem trela de cão, no labirinto dementado da cidade onde a memória nada servirá, pois apenas será capaz de mostrar a imagem dos lugares e não os caminhos para chegar lá” (SARAMAGO, 1995, p. 211).

Sem o sentido da visão, o espaço se torna complexo. A constância perceptiva, descrita por Amount (1995) como um mundo que tem sempre a mesma aparência, certa quantidade de elementos perceptíveis que permitem definir “objetos, formas, localização, orientações, propriedades das superfícies” (AMOUNT, 1993, p. 38), não faz aqui sentido, nem para os cegos do *Ensaio sobre a cegueira*, nem mesmo para Virgil, do conto de Sacks, uma vez que o sentido de ver não está apenas associado aos mecanismos exercidos pelo olho e não conseguimos localizar as constantes.

Por isso, “o olho não é o olhar” (AMOUNT, 1999, 58). Para ele, “olhar é o que define a intencionalidade e a finalidade da visão. É a dimensão propriamente humana da visão” (AMOUNT, 1999, p. 59). No enredo de Saramago, é este olhar que encontramos diluído nas passagens da narrativa, a mencionar a abertura do livro com a epígrafe: “Se poder olhar, vê. Se pode ver, repara”. Um olhar que ultrapassa os significados encontrados no Dicionário de Língua Portuguesa, como prestar atenção, sondar, fitar os olhos, tomar conta, examinar, mirar, observar; mas sim, que vai ao encontro da sensibilidade, da possibilidade de olhar sem fisicamente ver. Exemplo também disso é a declaração bem humorada de Hermeto Pascoal, músico que sofre de deficiência visual. No documentário, *Janela da Alma* (2001), ele declara que desenvolveu sua visão interior porque não tem a outra muito eficiente. Relembramos que, para que o sujeito enxergue, é preciso ultrapassar os limites físicos da percepção e levar em consideração suas crenças e seus saberes acumulados compreendendo um mundo de saberes complexos e diversos.

Considerações finais

Trazer as duas histórias para a discussão nos faz estabelecer relações interdisciplinares entre a Literatura e a Ciência, acerca do ver e não ver. Ambas as narrativas, a verídica e a ficcional, apresentam a desconstrução da realidade de cada sujeito através de uma visão imposta pelas circunstâncias. A história ficcional de Saramago (1995) entra em acordo com o conto verídico de Sacks (1995), levantando questões sobre *o aprender e reaprender a viver* uma nova realidade criada a partir do ganho ou da perda da percepção visual. Com essas narrativas, foi possível dialogar, à luz de teóricos, sobre apontamentos e questões referentes ao mundo imaginável, aos diferentes modos de perceber as realidades, à ressignificação do visível e à construção do espaço por experiências. O intuito deste trabalho não foi reduzir duas histórias a questões neurológicas ou literais, mas explorar os fios que entrelaçam as duas áreas, para desfrutarmos de seus benefícios. Podemos perceber com esta análise que ambos os enredos tratam a visão como autônoma da percepção ocular, mas dependente

de um mundo de interpretações e relações que desenvolvemos a partir de nossas experiências e vivências.

Referências

- AMOUNT, Jacques. **A imagem**. Campinas, SP: Papyrus, 1993.
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória** – Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins, Fontes, 1999.
- CAPRA, Fritoj. **A teia da vida**: uma compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 2006.
- GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- JANELA da Alma. Direção de João Jardim e Walter Carvalho. Rio de Janeiro: Copacabana Filmes, 2001. **Documentário**. 01 DVD (73 minutos).
- MATURANA, Humberto. **Árvore do conhecimento**: as bases biológicas do entendimento humano. Psy II, Campinas, São Paulo, 1995.
- SACKS, Oliver. **Um antropólogo em Marte**: sete histórias paradoxais. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 123-164.
- SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Recebido em 17/04/2014

Aceito em 29/05/2014